

Fernando Pessoa *qua* antologia

Helena Carvalhão Buescu*

Fernando Pessoa (2013). *Eu Sou Uma Antologia: 136 autores fictícios*. Edição de Jerónimo Pizarro e Patricio Ferrari. Lisboa: Tinta da China. Coleção Pessoa.

Parece passar-se, com o elenco dos nomes pessoanos que são “autores” ou “tarefeiros” (ou seja, quem autora um escrito ou realiza alguma tarefa com ele relacionada) de diferentes escritos do seu inventor, aquilo que ao longo dos séculos se passou com o cânone da lírica camonianiana. Em ambos os casos, o respectivo elenco não está ainda estabilizado. Talvez esteja mesmo longe de o ser. Quanto a Camões, depois de uma longa fase de “inchamento” desmesurado de poemas que lhe eram atribuídos, ocorre no presente uma tentativa de depuração, levada a cabo através dos instrumentos possíveis da crítica textual. No que respeita a Fernando Pessoa, a própria natureza do espólio, a sua dimensão e a inexistência de uma inventariação definitiva (embora muito trabalho tenha sido realizado nas últimas décadas) implicam que dúvidas e descobertas semelhantes continuem a verificar-se.

Na sua maior parte, e como recordam os organizadores desta antologia (Jerónimo Pizarro e Patricio Ferrari), a tendência tem sido a de aumentar o elenco de autores fictícios, desde que Teresa Rita Lopes publicou, em 1990, a lista de 72 nomes (proto)heteronímicos de Pessoa. Pontualmente, alguns desses nomes são excluídos da presente antologia (como recordam também os antologiadores no posfácio, explicando as razões para tal), mas a verdade é que as diversas tentativas que foram realizadas, na esteira do trabalho de Teresa Rita Lopes, reflectiram claramente um aumento desses nomes; embora os critérios utilizados para decidir acerca da sua inclusão ou exclusão levem a elencos diferentes: 83 para Michaël Stoker, 127 para José Paulo Cavalcanti Filho, 106 para Fernando Cabral Martins e Richard Zenith.

É neste contexto que surge a presente obra, que elenca 136 “autores fictícios” de Fernando Pessoa e os publica antologicamente num mesmo volume, aproveitando como título uma significativa frase do próprio Fernando Pessoa: “eu sou uma antologia”. Muito haveria (e haverá) a dizer a propósito desta singular reflexão pessoana e do conceito, de que se apropria como auto-descrição, de “antologia” – com o sublinhar de características como a *selecção* e a existência de *critérios pessoais* (Herberto Helder diria “ferozmente parcialíssimos”) para a sua constituição. Pessoa, que não utilizava as palavras de forma apenas alusiva, mas

* Centro de Estudos Comparatistas, Universidade de Lisboa.

com uma propriedade e um rigor totalmente pensados, parecia assim apontar para o facto de que nem tudo cabia dentro da sua obra e dos vários nomes que para ela criou, dela fazendo parte uma necessária forma de escolha restritiva, que distingue uma lista exaustiva de uma antologia ou florilégio. Ao dizer “eu sou uma antologia”, Pessoa está a sublinhar o carácter selectivo da sua obra, e não apenas o seu carácter múltiplo e diferencial. É claro que existem muitas diferenças entre os diversos autores fictícios (a começar pelo número de textos que cada um deles foi produzindo), mas estas três características (multiplicidade, diferença mútua e selectividade) parecem-me ser o sustentáculo do *dictum* pessoano e, em consequência, do presente livro, que é também ele uma antologia: Fernando Pessoa *qua antologia*, a que ele para si reivindicou como descrição; e uma verdadeira antologia dos 136 autores fictícios considerados, e que vão desde aqueles que Pessoa reconheceu formalmente como “heterónimos” a muitos outros que, a começar por H.W.M (publicado ainda em Durban, em 1901), vão representando diversos graus e diferentes estádios do processo de despersonalização pessoana que viria a culminar no surgimento do processo heteronímico.

A presente antologia opta por uma organização diacrónica, escolhendo apresentar os autores ficcionais pela ordem possível dos testemunhos que deixaram. Parece ser esta uma opção que permite leituras interessantes a todos aqueles que se ocuparem do modo como o “drama em gente” foi ganhando forma na produção e no pensamento pessoanos. Por outro lado, o facto de cada um destes nomes fictícios vir acompanhado de um breve esboço, que historicamente o situa, permite compreender não apenas o diferente peso relativo que efectivamente os distingue, mas ainda a existência de “laços de família” entre eles, muitas vezes ligados a hesitações e alterações de dados que impedem que o seu reconhecimento seja considerado definitivo. Esta história possível (e flutuante) do processo de despersonalização pessoana integra portanto apenas os nomes que efectivamente autoram escritos ou desempenham tarefas a eles conducentes; mas não acolhe aqueles nomes que, sendo apenas referidos em algum momento, não deixaram rasto escrito na obra pessoana, como é o caso da primeira personagem-autor ficcional criada por Fernando Pessoa, por volta dos seus 6 anos, o Chevalier du Pas (nome que nesta forma surgiu a Pessoa mais tarde).

Jerónimo Pizarro e Patricio Ferrari, dois dos investigadores que melhor conhecem o espólio pessoano, fazem com esta publicação um excelente e crítico ponto da situação sobre os múltiplos autores fictícios em que Fernando Pessoa se desdobrou. O conhecimento que ambos detêm da área da crítica genética permite-lhes, ainda, trabalhar sobre os textos que antologiam de uma forma criticamente segura, proporcionando aos leitores e outros investigadores textos fiáveis. No quadro da publicação da obra pessoana, não é pouco dizer isto. Entretanto, o aparato crítico e as respectivas notas são remetidos para o final do volume, de modo a não interferir, justamente, com a primazia que é dada à leitura dos textos

peçoanos. De sublinhar ainda a forma como a publicação de documentos provenientes do espólio permite, em muitos casos, dar conta de curiosíssimos aspectos: o modo com um mesmo autor ficcional pratica assinaturas entre si distintas, levando o jogo de despersonalização até ao terreno da materialidade caligráfica; o modo como as hesitações na estabilização de um mesmo nome (ou de diversos que entre si se relacionam) faz parte do trabalho dramático da ficcionalização peçoana; ou ainda a forma como aquilo a que poderíamos talvez chamar a “imaginação de imprensa”, situável em torno da criação, direcção e colaboração de jornais fictícios, emerge como um dos mais significativos detonadores de uma série de autores também eles fictícios.

Há inúmeras formas de entrada para a leitura desta antologia. Desse ponto de vista, a sua pertinência para leitores, apreciadores e investigadores da obra peçoana é inquestionável. A forma como virá a contribuir para tais leituras ou pesquisas é desde já uma das consequências que, sendo talvez menos mediatas, não se tornam menos importantes. De forma mais imediata, podemos aqui ir lendo, graças aos esforços concertados de Jerónimo Pizarro e Patricio Ferrari, a história de uma despersonalização, que passa paradoxalmente (ou não) pela proliferação de mais de uma centena de *personae*. Essa história fica mais clara pela apresentação agora feita através da presente antologia. Uma coisa é certa: as hesitações e impossibilidades que afectam tantos nomes de Pessoa têm de ser lidos como fazendo parte integrante do seu processo de despersonalização, e não apenas como o infortúnio de uma morte precoce.